As representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis

Maria Ivete Trevisan Fossá (PPGAdm/PPGCom/UFSM) fossa@terra.com.br
Denise de Souza Saad (PPGEC/UFSM) dssaad@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo se propõe a conhecer as representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis acerca do seu trabalho, descrevendo suas estratégias defensivas junto às relações de trabalho e à vida psíquica. A pesquisa teve como fundamentação teórica os estudos realizados pela Escola Dejouriana, que busca compreender a relação entre prazer, sofrimento e trabalho. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. A interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semi-estruturadas foi feita de acordo com o método de análise de conteúdo. Os resultados foram relatados de forma a traduzir a realidade estudada e sua relação com o método utilizado para a investigação e análise dos resultados. Foram levantadas, a partir da leitura das entrevistas realizadas, doze (12) categorias iniciais, seis (6) categorias intermediárias, obtidas pelo reagrupamento das categoriais iniciais, e três (3) categorias finais. As categorias finais apresentam o catador de lixo, a organização do trabalho e os processos de construção das representações de prazer e sofrimento desses trabalhadores.
Palavras-chave: Prazer e sofrimento no trabalho; relações de trabalho; catadores de materiais recicláveis.

1. Introdução

As pessoas que vivem da coleta de lixo formam uma comunidade proveniente de uma nova cultura, a cultura do lixo. Essa cultura foi originada por um crescimento exagerado da população em zonas urbanas, que, conseqüentemente, gerou uma grande produção de lixo industrializado. Essa 'evolução' da sociedade tende, gradativamente, a produzir mais lixo e mais indivíduos marginalizados.

O objetivo principal dessa pesquisa foi compreender a organização do trabalho de coleta de materiais recicláveis como fator de equilíbrio e de desenvolvimento humano. Ela teve como fundamentação teórica os estudos realizados pela Escola Dejouriana, que se propõe a pensar as relações estabelecidas no trabalho e o sofrimento psíquico produzido nos trabalhadores, seja pelas péssimas condições de trabalho, seja pelo sentimento de mal-estar provocado no aparelho psíquico do sujeito por viver situações desfavoráveis no ambiente de trabalho. Dessa forma, compreender as representações sociais e o universo simbólico dos catadores de materiais recicláveis implicou conhecer seus processos de subjetivação frente ao trabalho realizado.

Para Dejours (1998), as relações de trabalho são todos os laços humanos criados pela organização do trabalho – como relações com a hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores – e que são, às vezes, desagradáveis e, até mesmo, insuportáveis. Em termos de funcionamento psíquico, Dejours *et al.* (1994) parte de um modelo de homem ímpar, um sujeito sem outro igual, portador de desejos e projetos enraizados na sua história singular e que, de acordo com a sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente

original. Para essa escola de pensamento, o sofrimento é concebido como vivência subjetiva intermediária entre a doença mental descompensada e o conforto ou bem-estar psíquico.

A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, utilizando, como coleta de dados, a entrevista semi-estruturada e, como técnica de interpretação dos resultados, o método de análise de conteúdo. O interesse em realizar essa pesquisa se deve pelo intuito de descobrir como os catadores de materiais recicláveis agem e o que fazem para equilibrar as exigências do trabalho e os desejos individuais.

2. A carga psíquica do trabalho

Dejours *et al.* (1994) apresenta uma abordagem renovadora do trabalho, não o reduzindo somente às pressões físicas, químicas, biológicas, psicosensoriais e cognitivas do posto de trabalho, concebidas geralmente sob a denominação de 'condições do trabalho', cujo estudo é objeto da ergonomia. Na concepção de Dejours (1993), é necessário considerar no trabalho a divisão das tarefas e as relações de produção. O trabalho não é somente um modo de sobreviver, é, também, uma forma de inserção social, onde os aspectos físicos e psíquicos estão fortemente correlacionados. Mas, distúrbios psíquicos relacionados ao trabalho, embora muito freqüentes, deixam de ser reconhecidos como tal. Nesses casos, a descompensação e o desequilíbrio mental surgem em um quadro misto associado à angústia, à irritabilidade e à depressão."A cristalização desses conflitos acabam conferindo um caráter pessoal não específico do trabalho" (DEJOURS, 1998, p. 108). Portanto, as origens desses problemas são atribuídas a fatores externos ao trabalho, impedindo um diagnóstico correto.

Na concepção de Dejours (1998), há a divisão das tarefas e a divisão dos homens, onde a primeira engloba o conteúdo das tarefas, o modo operatório e tudo que envolve a organização do trabalho. Já a divisão dos homens compreende a forma como os trabalhadores são divididos em um grupo de trabalho e as relações humanas que se estabelece entre eles. Em estudos mais recentes, Dejours (1999), salienta que uma situação saudável de trabalho seria a que permite o desenvolvimento individual do trabalhador, possibilitando a alternância de períodos de trabalho com períodos de descanso, sendo que o controle sobre o processo de trabalho ficaria com o trabalhador.

E, ainda segundo Dejours (1998), a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento de natureza mental começa quando o homem já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa, ou seja, quando a relação homem-trabalho é bloqueada. Para Dejours (1998), o trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito. O trabalho revela-se, com efeito, como um mediador privilegiado, senão único, entre inconsciente e campo social, e entre ordem singular e ordem coletiva. O trabalho é um espaço de construção de sentido e, portanto, de conquista de identidade, da continuidade e historização do sujeito. Entre as pressões de trabalho e a doença mental interpõe-se um indivíduo, não somente capaz de compreender sua situação, mas capaz, também, de reagir e se defender. As situações de defesa são fortemente singularizadas em função do passado, da história e da estrutura de personalidade de cada sujeito.

Ao analisar os aspectos da atividade laboral que podem favorecer a saúde ou a doença, Dejours (1999) acentua o papel da organização do trabalho no que tange aos efeitos negativos ou positivos que ela possa exercer sobre o funcionamento psíquico e à vida mental do trabalhador. Nesse sentido, o trabalho tanto poderá fortalecer a saúde mental, quanto levar o

indivíduo a distúrbios que se expressarão coletivamente, em termos psicossociais ou individuais, em manifestações psicossomáticas ou psiquiátricas. O sofrimento implica, sobretudo, um estado de luta do sujeito contra as forças que o empurram à doença mental.

Quando esse sofrimento psíquico surge, algumas estratégias de defesa são criadas pelo indivíduo para atenuá-lo, denominadas por Dejours (1998) de ideologia defensiva. Desse modo, as estratégias defensivas nascem para dar conta desse sofrimento, que seria a eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer. O resultado das estratégias defensivas coletivas é uma percepção irrealista da realidade, porque a nova realidade construída é validada coletivamente. O sujeito, ao participar de uma estratégia de defesa coletiva, harmoniza seus outros recursos defensivos individuais. O sofrimento, embora seja algo singular, seu gerenciamento é coletivo, através de estratégias coletivas de defesa, formas encontradas coletivamente para suportar o sofrimento individual causado pela alienação do desejo. O que caracteriza uma ideologia defensiva é o fato dela ser dirigida não contra uma angústia proveniente de conflitos intrapsíquicos de natureza mental e, sim, ser destinada a lutar contra perigos e riscos reais.

O tempo fora do trabalho é um outro mecanismo utilizado para buscar satisfação, mas isso nem sempre acontece, principalmente se levarmos em consideração o custo financeiro dessas atividades, como esporte, cultura e formação profissional, e o tempo gasto em atividades inelásticas, como deslocamento e serviços domésticos. Dessa forma, são poucos os que conseguem satisfazer seus desejos e necessidades, gerando, assim, mais frustração. Quando se interpreta os discursos desses trabalhadores, há uma constante quanto à insatisfação: a vergonha. A vergonha de ser inútil, estar sujo, de não ocupar um espaço na sociedade, de não ter inteligência para desempenhar uma atividade mais interessante. E do contato – de certa forma, forçado com uma atividade desinteressante – que esta imagem de indignidade é produzida pelos catadores. Esse sentimento deve-se à falta de conhecimento da significação do seu trabalho em relação ao da atividade de forma global, e, sendo assim, sua tarefa não tem significação humana e nem social. Não significando nada para a família, para o grupo social e para o quadro de um ideal social humanista e político, faz com que uma baixa auto-estima se apodere do trabalhador.

3. Metodologia e análise dos resultados

Utilizou-se para a coleta de dados a técnica de entrevista semi-estruturada em profundidade, com um único respondente. Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas em áudio. As entrevistas foram transcritas de forma detalhada, anotando falas sobrepostas, respirações e entonações de voz, a fim de não perder características importantes para a posterior decodificação do material. O corpus de análise da pesquisa constitui-se de 11 catadores entrevistados, onde um é o coordenador do grupo de catadores do aterro e outro é o presidente de uma associação de catadores. Os demais se dividem em cinco catadores que trabalham no aterro, e quatro catadores que coletam materiais nas ruas da cidade, pertencentes a uma das 11 associações de catadores do município de Santa Maria/RS.

A análise de dados constituiu-se em dois momentos. No primeiro, o corpus de análise é separado em duas situações (trabalhadores do lixão e trabalhadores da rua), e no segundo, é realizada a codificação do material, a partir das categorias de análise, definidas posteriormente à realização das entrevistas e à construção do quadro teórico conceitual.

Na Situação I – Lixão, encontram-se os trabalhadores que desenvolvem suas atividades de coleta e tratamento dos materiais no aterro sanitário de Santa Maria/RS. O corpus de análise compreende seis respondentes, sendo quatro mulheres e dois homens, entre 17 e 56 anos. Na

Situação II – Rua, encontram-se os trabalhadores que coletam os materiais recicláveis nas ruas e casas e, posteriormente, os separam em um pavilhão, cedido por uma Associação de Bairro. Nessa categoria, o corpus de análise estudado compreende cinco respondentes, sendo três mulheres e dois homens, com idade entre 32 e 54 anos.

A interpretação dos dados coletados pelas entrevistas semi-estruturadas foi feita de acordo com o método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), este método de análise é dividido em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação. A pré-análise foi desenvolvida para sistematizar as idéias iniciais, colocadas pelo quadro teórico de referência, e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. Constituiu-se na transcrição das entrevistas na íntegra e de leituras gerais do material de cada entrevista. Nessa fase, fez-se uma leitura flutuante de todas as entrevistas e esse primeiro contato possibilitou a categorização dos dados.

As categorias iniciais, intermediárias e finais foram formuladas levando-se em consideração três condições básicas: a exclusão mútua, a homogeneidade e a pertinência. Pelo critério de exclusão mútua, construíram-se categorias de forma que um elemento não pudesse ter dois ou vários aspectos suscetíveis de serem classificados em duas ou mais categorias. O princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias, ou seja, um único princípio de classificação deve reger a organização das categorias.

A interpretação dos dados categorizados em primários, intermediários e finais consistiu em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado. Algumas interpretações foram realizadas na descrição dos significados dos temas de cada categoria, principalmente das categorias intermediárias e finais, e sobre as relações de complementaridades, contradições e variações de intensidade entre os temas para um mesmo entrevistado e entre todos. Assim, o discurso produzido pelas entrevistas foi considerado individual e, ao mesmo tempo, coletivo. Teve caráter individual quando foram consideradas as posições sócio-mentais de cada entrevistado, refletindo contradições inerentes à estrutura de dominação existente, e coletivo, à medida que foram consideradas as complementaridades que revelam estruturas e relações entre partes do fenômeno estudado, presentes em diferentes formas nos entrevistados.

4. As categorias finais

O agrupamento das categorias iniciais deu origem às categorias intermediárias e estas agrupadas deram origem às categorias finais que são apresentadas com a denominação “o catador de lixo”, “a organização do trabalho” e “representações sociais do trabalho”.

4.1 O Catador de lixo

A categoria descrita a seguir é formada pelas categorias intermediárias denominadas “história de vida do catador” e “o local de trabalho e suas significações”. Neste estudo realizado com os catadores de lixo de Santa Maria/RS, conclui-se que eles se caracterizam, tanto na situação I quanto na situação II, como uma organização. São homens com histórias de vida conturbada e que encontram, em um trabalho pouco valorizado, sua sobrevivência. Estes indivíduos possuem sua dimensão social e humana totalmente negada pela sociedade e, muitas vezes, são considerados como animais. O local e o objeto de trabalho possuem forte influência na construção dessas representações, uma vez no lixo tornam-se parte dele.

Pelas entrevistas pôde-se verificar que os catadores têm consciência da importância de seu trabalho, bem como do preconceito que a sociedade possui em relação a eles. A consciência de sua condição traz consigo sofrimento e, algumas vezes, um sentimento de revolta, uma vez que o trabalho gera vergonha e afeta sua auto-estima. O discurso que segue ilustra o

sentimento dos catadores em relação à sociedade: "Eles vê nós como uns lixero, pra sociedade não é importante. Tamo aqui fora e eles nem pensam em nós. É melhor tá aqui, do que tá na rua, roubando. Eles falam da gente, mas nós podíamos estar roubando deles (Entrevistado D, situação I)".

A falta de reconhecimento pelo trabalho realizado, em qualquer forma de sociabilidade encontra-se presente e, pode se constituir como uma das principais formas organizadoras do social. Parte-se do pressuposto que a vergonha gerada pelo não reconhecimento da importância do trabalho é uma construção social, fundamental para a construção dos embates de configuração e processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos de ordem e desordem que desenham dialeticamente a ação dos sujeitos e grupos em relação.

A vergonha, nesta perspectiva, assume uma outra dimensão, não mais compreendida apenas como uma ação discriminante e de exclusão social, mas, como a possibilidade de uma nova articulação reativa, sendo, portanto, entendida como um dos fatores estruturadores fundamentais da construção social, uma vez que os catadores mostram ser possível tornarem-se cidadãos através da prática seletiva de resíduos recicláveis.

O homem moderno, querendo ou não, busca, em todas as suas interações com a realidade, encontrar seu lugar na sociedade. Os catadores os encontram na realização de um trabalho, que devolve o lixo ao ciclo natural da vida. Embora exista um grande preconceito em torno da atividade de coleta de lixo, essa foi a única forma de inserção social obtida por esses homens. Responsáveis pelo gerenciamento de um percentual médio de 15% dos resíduos sólidos urbanos, e cerca de 90% dos materiais recicláveis que alimentam as indústrias de reciclagens brasileiras, os catadores tornam o país um dos campeões mundiais em reciclagem, segundo pesquisa realizada pela Unicef, em 2000. Além dos benefícios ambientais, o serviço prestado ao Estado e à sociedade, por esses trabalhadores, promove, também, a economia em gastos públicos com mão-de-obra, relativos à limpeza urbana, à manutenção e à infra-estrutura.

4.2 A organização do trabalho

Essa categoria surgiu a partir do agrupamento das categorias intermediárias denominadas "estrutura de poder" e "o significado do trabalho". A divisão do trabalho e as práticas de coleta são simples, caracterizadas pela flexibilidade das relações de trabalho e pela produção, havendo algumas diferenças entre as situações I e II. Na situação I, não é perceptível qualquer tipo de influência das teorias de organização de trabalho. As tarefas são realizadas sem preocupação com o controle de tempo e movimento gastos. Mas, mesmo sem haver a busca frenética pela produtividade, a repetição automática das atividades ocasiona a perda do entendimento do trabalho como um todo, resultando na perda também do significado do mesmo. Todos os catadores realizam as mesmas tarefas dentro da organização, mas desconhecem os processos finais de produção na reciclagem. Na situação II, há a divisão de trabalho entre indivíduos que coletam os materiais e indivíduos que os separam para venda. O horário de trabalho pode variar de acordo com a demanda de materiais e o clima. Durante a manhã é realizada a coleta e, pela parte da tarde, são feitas a separação e a venda dos materiais. Um dos entrevistados diz: "Não temos um tempo certo para trabalhar: viemos, preparamos tudo para venda, daí esperamos os caras chegarem para vender" (Entrevistado E, situação II). E um outro complementa: "quando chove, fico dias sem coletar, então o pessoal guarda em casa o lixo e eu recolho quando pára de chover" (Entrevistado A, situação II).

Pelos depoimentos dos entrevistados pode-se inferir que as funções intelectuais passam a ser concebidas e controladas pelos "caras", ou seja, os que intermediam o trabalho de coleta entre coletores e a indústria de reciclagem. Os intermediários desempenham a função de

harmonizar as atividades parciais desenvolvidas pelos catadores com vistas ao objetivo final, ou seja, aumento da produtividade e da lucratividade. Não há portanto, como em todo trabalho taylorizado _ e a coleta de materiais recicláveis não foge à regra _, o trabalho coletivo. Cada trabalhador é isolado dos outros e em muitas ocasiões o sistema coloca os indivíduos em oposição aos demais.

Segundo Dejours (1991), a organização do trabalho baseada no taylorismo exerce impacto sobre o aparelho psíquico do trabalhador, decorrente do conflito entre a sua história de vida pessoal (projetos, esperanças e desejos) e a relação com o exercício de suas tarefas dentro das organizações, que, de maneira geral, ignoram esses anseios. A relação homem-trabalho, uma vez bloqueada, gera sofrimento, ansiedade, angústia, depressão. No entanto, o homem, graças a sua capacidade inventiva, impede a transformação do sofrimento em patologia. Para tanto, lança mão de estratégias individuais e coletivas com o objetivo de se contrapor às situações que lhe são adversas e que lhe causam desconforto psíquico.

Assim, quando a organização do trabalho restringe o investimento afetivo e material, surgem respostas defensivas individuais ou coletivas, manifestadas através dos mecanismos de defesa. Esses mecanismos fazem com que mesmo o mais intenso sofrimento seja controlado e impedido de se transformar em patologia. Assim, os trabalhadores, para lutarem contra a angústia provocada por situações de trabalho, sentimento de insatisfação e medo do trabalho, utilizam-se de estratégias em nível individual e coletivo como forma de mascarar, disfarçar e transformar o sofrimento. E, em sua luta contra o sofrimento, às vezes o indivíduo elabora soluções originais que são favoráveis tanto à produção quanto à saúde física e mental do trabalhador. Esta forma de sofrimento foi denominada por Dejours (1993) de “sofrimento criativo”. Ao contrário, quando o indivíduo chega a soluções desfavoráveis, tanto para si quanto para a produção, caracteriza-se como sendo “sofrimento patogênico”.

4.3 Representações sociais do trabalho

As categorias intermediárias denominadas “representações individuais e coletivas” e “relações de trabalho e carga psíquica” originaram a categoria final chamada “representações sociais do trabalho”. Para se entender as representações sociais desses trabalhadores, não basta conhecer as concepções que eles possuem sobre si mesmos: antes de tudo, é preciso conhecer as concepções que a sociedade possui sobre eles. Os catadores são indivíduos que fazem parte da realidade diária da sociedade, mas, mesmo estando em todos os lugares, ainda assim a sociedade não os reconhece como parte dela. São homens que, embora possuam sonhos e desejos, não são percebidos como iguais. Dessas concepções construídas pela sociedade, mescladas a sua auto-concepção, surgem as representações sociais dos catadores. Da mesma forma a posição ocupada pelo indivíduo dentro do grupo e a importância atribuída ao seu trabalho auxiliam na definição das representações, prevalecendo, no entanto, a opinião que os outros possuem de seu trabalho. Esses homens, como quaisquer outros trabalhadores, buscam a participação na sociedade, através do trabalho e, quando isso não ocorre, eles anulam-se como indivíduos sociais.

O estudo em questão, evidencia os processos de construção das representações de prazer e sofrimento desses trabalhadores. O prazer e o sofrimento estão intrinsecamente ligados aos contextos social, econômico e cultural. O sofrimento psíquico surge como uma vivência subjetiva, intermediária entre doença mental descompensada e conforto psíquico (DEJOURS et al 1994). O confronto da identidade do trabalhador com o valor atribuído à mesma, diante do mundo social, pode ser o gerador desse sofrimento. Os sentimentos de sofrimento surgem, também, da baixa auto-estima que o trabalhador possui. Essa, por sua vez, surge das

concepções que a sociedade constrói sobre ele e seu trabalho, unida à falta de significação atribuída ao mesmo, uma vez que não há o conhecimento global da atividade desenvolvida.

Dessa forma, sob a ótica do catador, ele e seu trabalho não possuem importância para a sociedade. Os sentimentos de prazer ocupam uma posição secundária – mas não menos importante – na análise das relações de trabalho dos indivíduos estudados e alguns mecanismos são elaborados pelos trabalhadores para burlar o sofrimento proporcionado pela atividade que realizam. Esse fato foi verificado devido à freqüente vinculação, por parte dos respondentes, do uso de bebidas alcoólicas aos sentimentos de prazer. Ao mesmo tempo, esses trabalhadores reconhecem sentimentos de prazer, também, ao desenvolverem atividades de coleta e separação sem regras e horários estabelecidos anteriormente, bem como na ausência de um chefe que as determine. Essa flexibilidade nas relações de trabalho aporta algum tipo de satisfação para o catador, na medida que o coloca no controle do seu trabalho.

Observa-se uma prática específica de técnicas discriminatórias quando da avaliação dos materiais comprados pelos intermediários e a conseqüente atribuição do preço A avaliação do intermediário influencia os pontos que são dados para o cálculo do produto, das irregularidades permitidas e autorizadas, punições ou mesmo desqualificação total do produto coletado. O medo da avaliação que o intermediário faz do produto coletado pode ser adequado para impelir o catador a realizar determinados atos, ou deixar de executa-los (Goffman, 1987).

Foucault (1990, 1991) determina o momento histórico do surgimento das disciplinas como sendo aquele em que nasce a arte do corpo humano e que visa não apenas o aumento das suas habilidades ou sujeição, como também à formação de uma relação que o torna tanto mais obediente quanto mais útil e, inversamente. A disciplina fabrica corpos dóceis no dizer de Foucault, aumentando as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminuindo estas mesmas forças em termos políticos de obediência. Dessa forma, a dissociação do poder e do corpo estabelece um elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Em ações disciplinadoras ou coercitivas como as executadas pelos intermediários, existe o que Foucault (1991) define como ação normalizadora, ou seja, na essência dos sistemas disciplinares, funciona uma micropenalidade do tempo e da quantidade produto a ser entregue, da maneira de ser a coleta e a título de punição, uma série de processos sutis como ligeiras privações e humilhações. Neste sentido, o poder disciplinar assume uma ação normalizadora quando a penalidade passa a controlar a ação dos trabalhadores de forma não presencial mas capaz de atravessar todo o processo de coleta seletiva do lixo, na medida em que a avaliação da atividade produtiva de coleta sofre um processo de diferenciação, de hierarquização, de homogeneização e de exclusão.

As relações de trabalho podem apresentar desde relações facilitadoras, até relações impeditivas. Elas são definidas a partir da cooperação e participação do grupo, bem como por conflitos ou competições. Dentro do grupo de catadores, na situação I, encontramos indivíduos que optaram pelas relações facilitadoras, estabelecendo vínculos de amizade dentro do aterro, indivíduos que agem com violência com os demais, e outros que preferem simplesmente isolarem-se.

Percebe-se que a carga psíquica gerada pelo trabalho pode variar de acordo com as relações que o trabalhador estabelece em seu ambiente de trabalho e pelos processos de comunicação que nele se viabilizam. Dessa forma, essa carga torna-se mais leve para os catadores, que participam de grupos dentro do lixão. As estratégias defensivas e o tempo fora do trabalho surgem como um escape nos momentos de sofrimento.

5. Considerações finais

Os catadores participantes da pesquisa reconhecem a existência de prazer e sofrimento no trabalho que desenvolvem, e esses estão intrinsecamente ligados ao tipo de trabalho e à imagem de indignidade produzida a partir dele. O não-conhecimento do significado do seu próprio trabalho, bem como o não-reconhecimento da importância do mesmo pela sociedade, produz a visão de um trabalho desinteressante, atrelado a uma baixa auto-estima. Com a perda do significado do trabalho, ocorre uma ruptura entre a subjetividade e a objetividade, entre o eu e o mundo. Essa ruptura retira do indivíduo o interesse e o controle sobre o trabalho.

Quanto às representações sobre o conhecimento do trabalho, elas não surgem de maneira homogênea dentro do grupo estudado. Enquanto alguns parecem desconhecer o significado e a importância do seu trabalho para a sociedade, outros se mostram plenamente conscientes desses fatores, bem como de suas condições de subproletariados e segredados. Para esses trabalhadores, as representações de sofrimento encontram-se em torno da ausência de reconhecimento e de sentido para o trabalho, além da percepção do preconceito que a sociedade possui em relação a eles. O controle sobre o trabalho surge como principal gerador de prazer. Todos os catadores participantes reconhecem na possibilidade de trabalhar sem patrão e com flexibilidade de horários, um dos motivos que os mantêm nessa atividade profissional. A convivência em grupo, a comunicação informal, os jogos lúdicos e as atividades realizadas durante o tempo fora do trabalho também são apontadas como os principais geradores de prazer.

No entanto, algumas formas encontradas, por esses indivíduos, para lidar com o sofrimento gerado pelo trabalho mostram-se pouco saudáveis. Em alguns casos, a estratégia usada é a negação do próprio sofrimento e, em outros, é o uso excessivo de bebidas alcoólicas. Em casos mais extremos, é a violência e, por fim, a loucura. Para que o sofrimento desses trabalhadores possa ser minimizado e o prazer potencializado, torna-se necessário o conhecimento da importância do trabalho de coleta de lixo, não apenas pelos próprios catadores, mas também pela sociedade, a qual é a principal beneficiada com a prestação desse serviço. A maior participação do Estado, apresentando medidas para a melhoria do ambiente e das condições de trabalho é outro aspecto de fundamental importância nesse processo.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 1977.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho:* estudo da psicopatologia do trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

____. *O fator humano.* 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

____. *O corpo entre a biologia e a psicanálise.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

____. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (org.) O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas. Vol. I, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1993.

____. Repressão e subversão em psicossomática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. ; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho.* São Paulo: Atlas, 1994.

FOSSÁ, M. I. T. A cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias: uma definição teórica e operacional. Tese de doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1987.